

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INFANTIL**

TAIRINE MATZENBACHER

**O CULTIVO DO BRINCAR
Semeando possibilidades com e para as crianças.**

**Porto Alegre
2018**

TAIRINE MATZENBACHER

O CULTIVO DO BRINCAR

Semeando possibilidades com e para as crianças.

Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Infantil, pelo Curso de Especialização em Educação Infantil da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

Orientadora: Profa. Ms. Rosane Romanini

Porto Alegre
2018

O CULTIVO DO BRINCAR

Semeando possibilidades com e para as crianças.

Tairine Matzenbacher*

Resumo: Ter, diariamente, o privilégio de acompanhar o nascimento de brincadeiras em um grupo de crianças, com idade entre 4 e 8 anos, de duas escolas de Educação Infantil de Porto Alegre/RS, e poder contemplar a espontaneidade e a criatividade florescer em cada uma delas, foi fator fundamental para a elaboração dessa escrita. O presente trabalho, de Conclusão do Curso de Especialização em Educação Infantil, traz reflexões sobre os espaços e recursos, que podem ser grandes potencializadores das brincadeiras, abordando aspectos relacionados ao contato com a natureza e os com materiais não estruturados de forma positiva para o desenvolvimento de habilidades relacionadas à imaginação, à criatividade e, também, à produção de culturas. Neste sentido, buscou-se resgatar algumas concepções de infância, colher frutos semeados por autores, na tentativa de fundamentar ainda mais as ideias abordadas e, também, dar voz aos pequenos e grandes brincantes, para que possamos, juntos, seguir cultivando o brincar e, através dele, semear possibilidades com as crianças e para elas.

Palavras-chave: Brincar. Ludicidade. Natureza. Infância. Brinquedos.

1 INTRODUÇÃO: PREPARANDO O TERRENO.

Quando ainda criança, aprendi que, antes de plantar as sementes, é necessário preparar a terra. Vinda de uma família cuja relação com a vida no campo se fazia muito presente, acompanhei, desde cedo, o solo sendo arado e cuidado, para que as sementes, ali colocadas, se desenvolvessem ainda mais fortes.

Hoje, colho os frutos dos ensinamentos que me transmitiram. Atualmente, como professora de anos iniciais e Educação Infantil, observo a necessidade de cuidar dos solos da infância. Como uma semente que brota e, com alguns cuidados, se desenvolve, resistindo ao calor do sol ou às chuvas e ventos fortes, noto que o brincar também vem sendo motivo de zelo e cuidado, fazendo-se necessário cultivá-lo, sobretudo nos solos das escolas da infância.

Diariamente, posso apreciar o nascimento de brincadeiras e perceber o quão fértil é a terra em que essas sementes estão germinando. As crianças que hoje brincam, são diferentes daquelas de alguns anos atrás. O solo sofre algumas

* Pedagoga, formada pela UFRGS, em 2014/2, atuando na área, atualmente, como professora de anos iniciais e Educação Infantil. Endereço eletrônico: tairine.matzen@gmail.com

mudanças com o tempo, e a infância, que é uma criação da sociedade, está sujeita a mudar junto com ele. Ao observar a ação das crianças em seus movimentos corporais, diariamente presencio suas invenções, repetidas e novas. Elas constroem formas diferentes de organização, brincadeiras criadas com arranjos próprios, ou seja, estão produzindo cultura.

Compreendo que, apesar de o mundo infantil ser aprisionado, invadido e valorizado pelas significações do mundo adulto, conforme cita Sarmiento (2003), e podemos ver isso expresso em brinquedos, manejos e diferentes situações sociais e culturais, que manifestam a necessidade de crescimento das crianças, torna-se essencial lembrar que as crianças produzem significações autônomas, e reconhecê-las como atuantes na construção de cultura é assumir que elas não são nem um “adulto em miniatura”, tampouco alguém que treina para a vida e, sim, alguém que elabora sentidos e realiza experiências, a partir de um sistema simbólico, compartilhado com os adultos. E, para isso, brincam.

Ao refletir sobre nosso cotidiano brincante, percebo que, atualmente, ao invés de colocarmos nossas sementes ao sol, estamos favorecendo para que elas se desenvolvam dentro de casa. O “Já está na hora de entrar” dito por muitos pais e mães, quando seus filhos se perdiam no tempo brincando na rua, deu vez ao “já está na hora de sair”, sair do computador, do tablet, do celular, provocando uma relação simbiótica entre os mesmos e aqueles neles envolvidos. Neste sentido, Jerusalinsky (2016), nos convida a refletir:

Quando encontramos um remédio que tira imediatamente uma dor crônica, não queremos nos separar dele, porque sabemos que a “solução” estará ao alcance da mão. É nesse sentido que os eletrônicos funcionam como uma droga milagrosa, de que os jovens não se querem separar. E já passou a época em que os adultos se surpreendiam com a proficiência das crianças para mexer com eles. Hoje, o que os preocupa é que elas não querem desligá-los. A relação estabelecida com os objetos eletrônicos é de dependência. Somos todos usuários desde épocas cada vez mais precoces.

E, a partir destas e outras ideias, é que me questiono e convido a questionarem-se, também, sobre que oportunidades lúdicas estamos proporcionando às crianças? Como vemos o brincar? Qual sua função na vida dos brincantes, sejam eles adultos ou crianças?

Embora acredite na importância dos questionamentos acima citados, relacionando-os estreitamente, considero relevante destacar que esta escrita não

pretende respondê-las, mas carrega consigo a forte intenção de que aqueles que dedicam seu tempo a olhar o que fazem as crianças em suas brincadeiras, sintam-se provocados a pensar sobre elas e encontrem, aqui, elementos que instiguem reflexões, a fim de cultivarmos juntos esse jardim que floresce aos nossos olhos todos os dias: as invenções das brincadeiras pelas crianças, e os diálogos que constroem com o mundo das coisas e as relações que estabelecem entre seus pares e os adultos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: ESCOLHENDO AS SEMENTES.

Depois de preparar a terra e cuidar dela como com carinho e atenção, é chegada a hora de escolher quais sementes irão brotar neste solo fértil e pensar sobre quais reflexões queremos fazer nascer e florescer neste jardim. Para isso, inspiro-me em outros canteiros, espalhados pelos campos da infância, me nutrido a partir das experiências e estudos de autores, e posso aqui dizer, semeadores, que já contribuem, de diferentes formas, para que o cultivo do brincar aconteça.

Sabemos que, atualmente, vivemos tempos em que há pouco espaço para desfrutarmos ao ar livre. A violência dos centros urbanos faz com que nossas folhas não balancem mais com o vento, e os motivos que levam a essas transformações estão diretamente relacionados às mudanças sociais. Contudo, há de se pensar, também, sobre as nossas concepções de infância e, com isso, compreender que elas são múltiplas, pois relacionam-se diretamente com a representação que temos sobre o período inicial da vida, variando conforme nossas visões, experiências e políticas públicas para o investimento necessário para começar bem a vida.

Deste modo, torna-se importante lembrar que o conceito de infância é uma construção histórica e cultural e, segundo Ariès (2017), começou a surgir apenas a partir do século XIII, quando os costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir e a preocupação com a educação. Somente a partir dos séculos XIX e XX, a infância começou a ocupar um lugar de fundamental importância para a família e para a sociedade, começando a se pensar neste ser de pouca idade como alguém que necessita de lugar, tempo, espaço e cuidados diferenciados, assim como as sementes, para que possam brotar. Em constante desenvolvimento e reflexão, podemos perceber que o conceito de infância que conhecemos hoje é relativamente

novo e, atualmente, carrega consigo uma relação estreita com a ludicidade, estas que ao longo dos anos foi sendo distanciada dos adultos.

Cultivar as sementes do brincar para as crianças e com elas, é de suma importância para que recuperemos nossa inteireza como seres, já que “o homem só se torna completamente humano quando brinca” (SANTIN, 1994 apud ROMANINI, 2006, p. 30), pois entra em contato com sua essência, sua verdade, abandona suas obrigações, aguça a sensibilidade e liberta-se. Promover o encontro dos adultos com a sua criança interior, através do brincar, tornou-se um grande desafio, devido ao soterramento da ludicidade e da liberdade pelas “necessidades profissionais” de produtividade, mas, brincar como um ato de liberdade, conforme cita Huizinga (1994), de exploração, criação e ludicidade não deixou de ser uma necessidade humana, revelada pelas crianças através da essência de muitas brincadeiras, de diferentes culturas, e nos sentimentos de entrega e plenitude vividos a partir dela.

Observando a importância do cultivo da ludicidade, Santin (1994) nos provoca a refletir, citando que:

O lúdico e a ludicidade só serão compreendidos no seu acontecer. O lúdico se parece a uma sinfonia: ela precisa ser executada para ser vivida. Não é uma idéia intelectualizada que nos dá a compreensão da sinfonia. Ela não foi criada para se tornar conceito, mas para ser vivenciada mediante sua execução. O ato lúdico coloca-se na mesma esteira e, ainda, com uma grande diferença. Ele não precisa de partitura. Cada ato lúdico é novo e original, jamais repetido. SANTIN (1994, p.3)

O mesmo autor ainda destaca que o impulso lúdico é um existir do homem no mundo e com o mundo e, somente através dele, é que poderemos viver e sentir ações que não podem ser definidas por palavras, “mas compreendidas pela fruição, povoadas pela fantasia, pela imaginação e pelos sonhos que se articulam com materiais simbólicos” (p.3).

Reconhecendo a relevância da ludicidade, especialmente para as crianças, compreendo que as práticas pedagógicas que compõem o currículo da Educação Infantil devem evidenciar a presença da brincadeira e das interações, neste sentido, destaco as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil/2009 a fim de seguir refletindo sobre a infância e fundamentar a importância da brincadeira no fazer pedagógico diário. Assim, conforme citam as DCNEI/2009:

Criança é um sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

No que se refere às práticas pedagógicas, o artigo 9 destaca que:

As Práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira, garantindo experiências que: I - promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança.

Com base nestes e em outros aspectos apontados nas DCNEI/2009 compreendemos e fundamentamos o brincar no fazer pedagógico. Podemos adubar nosso solo, para que ele siga se fortalecendo, especialmente nos espaços escolares, onde as experiências e as interações são, ou deveriam ser, intensamente contempladas, seja nas trocas de olhares entre os brincantes, no contato da pele, na risada compartilhada ou na frustração vivenciada, conexões que convocam o corpo em sua inteireza e que buscam relacionar as dimensões sociais, planetárias e corpóreas dos que nela habitam.

As ideias sustentadas por Almon (2009) alertam que:

Apesar de não custarem nada e serem bastante eficazes, as brincadeiras criativas tornaram-se uma atividade ameaçada. Têm sido postas de lado pelas exigências do sucesso acadêmico precoce; pelas longas horas passadas diante de telas, através das quais as crianças absorvem as histórias imaginativas de outras pessoas, mas não criam as suas próprias. (ALAMON apud CAVOUKIA e OLFMAN, 2009, p.95)

Para que as crianças possam criar suas próprias narrativas imaginativas através do brincar, a complexidade deste fazer também nos provoca a pensar sobre os espaços e recursos disponibilizados, para que elas experimentem diferentes possibilidades e para que os materiais integrem a brincadeira com naturalidade, aguçando a liberdade para a criação e a sensibilidade, para que os sentidos e significados sejam construídos pelos brincantes exercitando todo o seu protagonismo.

E é nesta relação entre o brincar e a liberdade, a experiência e a sensibilidade que reconheço a natureza como possibilidade de ver essas sementes, não só

brotarem, mas, também, crescerem e se fortalecerem, gerando frutos. Referencio as ideias de Fedrizzi (2013), que vê na interação do homem com a natureza uma grande importância para a sua vida. Segundo ele, traz inúmeros benefícios, tanto emocionais quanto funcionais e, em se tratando de crianças, o contato com a natureza tem ainda mais impacto, de modo que essa interação influencia o desenvolvimento e também auxilia a aprendizagem.

Richard Louv (2016), autor do livro *A última criança na natureza*, nos desafia a pensar sobre a natureza como uma oportunidade de nos conectarmos a algo muito maior do que nós mesmos e, assim, contemplar o infinito e a eternidade de um jeito único. Nesta obra, o autor reflete sobre o distanciamento entre a natureza e as crianças, os jovens e até mesmo alguns adultos, relacionando as implicações sociais, psicológicas e espirituais dessa mudança. Ele também apresenta pesquisas que relevam a necessidade de contato com a natureza para o desenvolvimento saudável das crianças e dos adultos, alertando que, atualmente, “a natureza costuma ser menosprezada em seu papel como bálsamo de cura para os problemas emocionais de uma criança”.

Moore (1993 apud LOUV, 2016) salienta que ambientes naturais são essenciais para o desenvolvimento infantil saudável, experiências multissensoriais na natureza ajudam a construir “as habilidades cognitivas necessárias para o desenvolvimento intelectual contínuo” e estimulam a imaginação, ao oferecer, para a criança, o espaço e os materiais para a criação sem limites.

Quando o brincar acontece ao ar livre, em meio à natureza, as interações se multiplicam, assim como as experiências, e, com elas, temos a oportunidade de vivenciar um infinito de possibilidades, misturar, molhar, embarrar, conectando-nos novamente à nós mesmos, com o nosso lugar nesta trama mais ampla, da qual nossa vida depende, resgatando os elementos a partir dos quais os humanos evoluíram: a terra, a água, o ar, o fogo e os outros seres e, assim, resgatando sua essência e verdade.

Carneiro (2011) reitera que aproveitar os benefícios do contato de uma relação íntima com a natureza é um dos fatores mais significativos na construção de uma educação transformadora, considerando o quanto as crianças precisam estar brincando na natureza, fazendo descobertas e “compreendendo transformação de si e da mãe terra”.

Os pátios escolares começaram a ser motivo de reflexões, como destaca Horn (2017), nos provocando a pensar essa lógica de cobrir todos os espaços por lajes para que se mantenham limpos. Os pisos, as paredes e os tetos que cercam a infância não carregam em seus alicerces, o princípio de que todos os espaços são potencialmente promotores da brincadeira e da criação e, sim, o intuito de evitar a sujeira e o transtorno observados por alguns adultos de forma crítica, mas experimentado pelas crianças com verdadeiro encantamento.

O Marco Legal da Primeira Infância, aprovado em 2016, nos possibilita mais algumas reflexões, pois reúne uma série de orientações e condutas que colocam a criança no centro da pauta das políticas públicas, trazendo como tema transversal, intensamente presente, o brincar, priorizado pelo artigo 5 e reforçado pelo artigo 17, que determina que a União, os Estados e os Municípios deverão organizar e estimular espaços lúdicos que propiciem o bem-estar e o exercício da criatividade em ambientes seguros, públicos e privados. O mesmo documento também enfatiza a diferença entre o brincar livre e as atividades monitoradas, uma vez que, as atividades orientadas pelos adultos, como a prática de esportes, não podem substituir ou se sobrepor ao brincar livre.

Os argumentos e fundamentos para o brincar imaginativo, livre e criativo em meio à natureza são muitos, contudo um deles despertou, não somente meu interesse e sensibilidade, mas também me trouxe um compromisso maior, que foi a fala de uma criança de 6 anos sobre o significado da palavra natureza, “eu não andei por lá”, presente no livro escrito por Javier Naranjo, (1956), a partir dos relatos das crianças. Assim, as sementes plantadas até agora, tiveram razão para brotar, pois como afirma Ana Lucia Villela¹ (2016, p. 17): “As crianças precisam da natureza, tanto quanto a natureza precisa das crianças”.

3 SEMEANDO

Muito embora ao escolher as sementes algumas delas já tenham caído sobre a terra e estejam brotando em nossos pensamentos e reflexões, nesse momento, iniciaremos o plantio e andaremos juntos por entre a natureza e o brincar que habita em cada um, buscando relacionar os aspectos teóricos abordados até agora e as

¹ Fundadora e presidente do Instituto Alana.

situações do cotidiano, pensando no brincar com as crianças e para elas. Conversei com alguns brincantes, de diferentes idades, dando preferência às crianças, já que, conforme Naranjo (1994), sem a voz delas não há descoberta possível, mas também atentando às observações de jovens e adultos que já brincaram ou ainda brincam, afim de relacionar diferentes percepções, contextos e realidades. Busco, através disso, nutrir a terra do brincar a partir das concepções e experiências trazidas por todos e todas que se dispuseram a contribuir, com suas regas de saberes que perpassam teorias, que invadem os corpos, formando uma intercorporeidade, onde natureza, pessoas, materiais e matéria se interligam e seguem em nossas memórias lúdicas.

Os nomes citados são fictícios, e as falas, transcritas aqui, fazem parte de um contexto de conversa mais amplo.

3.1 COM AS CRIANÇAS.

Mas, afinal de contas, o que pensam as crianças sobre o brincar? Que textos trazem em suas brincadeiras, que perguntas se fazem, que personagens escolhem para representar? Em meio a tantas reflexões, concepções e considerações de estudiosos e pesquisadores, senti a necessidade de ouvir também o que esses pequenos brincantes pensam e sentem a respeito dessa temática que vivem diariamente, de formas distintas e, assim, as regas de saberes compartilhadas por eles ressignificou em mim a importância do cultivo do brincar.

A partir de diálogos, conversas e observações, momentos de interação e outros de apreciação, com crianças com idades entre 4 e 8 anos, de duas diferentes escolas de Educação Infantil de Porto Alegre/RS, pude reconhecer a riqueza da construção e desconstrução de conceitos feitos pelas crianças. Francisco (8 anos) me disse, certa vez, que *“brinquedos são como folhas, que voam nas ideias da imaginação”* fiquei encantada com a sensibilidade expressa por ele e também em ver a liberdade associada ao brincar que, conforme afirma Romanini (2006) “o brincar combina com as ideias de liberdade e de invenção”.

As observações seguiram e seguem acontecendo e, não por acaso, as relações entre teoria e prática se aproximaram, conforme cita Davoli (2017):

Observar significa acima de tudo “conhecer”. Mas não se trata de um conhecimento abstrato, trata-se de uma emoção do conhecimento que contém toda a nossa subjetividade, expectativas, aquilo que esperamos que aconteça, nossas hipóteses e nossas teorias de referência, nas quais nós também estamos refletidos. Toda a observação que fazemos, precisamos estar cientes, não é a verdade do que aconteceu: toda observação é parcial porque o que sabemos ver, capturar, fotografar, etc. depende do nosso ponto de vista subjetivo, do que nós esperamos dos meninos e das meninas, de se esperamos muito ou pouco. (DAVOLI apud MELLO; BARBOSA; FARIA, 2017, p.28).

Neste caso, esperava muito. O convívio diário com crianças e as trocas que fazemos, seja na esfera pessoal ou profissional, me faz acreditar que elas contribuem, de forma significativa, para muitas das reflexões acerca do brincar. Quando provocado, um momento de conversa sobre os brinquedos e brincadeiras, aspectos históricos, culturais e sociais se fizeram presentes nas falas das crianças “*Sabia que a gente pode fazer brinquedos?*”, “Na época da minha mãe, ela fazia os brinquedos dela com papelão e sucata.” Mesmo com a forte influência das indústrias e das mídias favorecendo o consumo, Flávia (5 anos) diz: “*Eu gosto de fazer os brinquedos, botar a mão, ver como é e como vai ficar.*” Expressando prazer e envolvimento na criação através de materiais não estruturados², ou seja, recursos que não possuam uma função pré-estabelecida, um significado único, mas que abrem possibilidades para que os sentidos sejam construídos, desconstruídos e reconstruídos, conforme a necessidade e a criatividade de cada um. Flávia, através de sua fala, também reafirma as ideias de Louv (2016, p. 88), quando cita que “o aprendizado humano vem de fazer, de criar, de sentir com as mãos”.

Há aqueles mais contagiados pela corrente de atores que favorecem a produção de brinquedos industriais que, segundo Brougère (1997), é formada pelos fabricantes; os pais ou adultos que adquirem, e as crianças, que mostram o que pode ser feito com eles. Contudo, atualmente, incluiria nessa corrente a presença da mídia, que divulga e incentiva o consumo e que atinge, também, o público infantil. Sendo assim, podemos compreender que, quando Laura (4 anos) diz: “*Brinquedo é uma coisa que se vende na loja*”, traz presente essa influência em seu discurso. Entretanto, Júlia (6 anos), resgata a possibilidade de dar sentido, mesmo que mais limitados, até mesmo aos brinquedos estruturados “*Uma boneca é um brinquedo, porque dá para fazer de conta que é uma filha*”.

² Materiais de largo alcance, segundo Vigotskii, Luria, Leontiev (2006) são recursos que não possuem funções fixas na brincadeira e podem participar deste momento através de diferentes ações, atribuídas pelos brincantes.

Fortuna (2014) enfatiza que um objeto só é brinquedo quando possui a ação de brincar, destacando que, às vezes, o que é fabricado como brinquedo não é necessariamente um brinquedo, até que uma criança brinque; de outro modo, o que não é considerado um brinquedo ou não se encontra na natureza— como folhas, pedras, painéis – podem ser considerados brinquedos, se brincados por uma criança. Assim toda brincadeira é uma experiência lúdica.

E, ao ver surgir uma confeitaria na caixa de areia do pátio em que estávamos, os bolos de diversos sabores tomarem conta da “vitrine”, entendo quando Maria (5 anos) diz que *“Brincar é se divertir”* e sinto reafirmadas as considerações teóricas anteriormente citadas. Nestes momentos, também sou lembrada por Isabela (6 anos) que *“sementes também podem ser brinquedo, porque podemos transformar elas em alguma coisa”*, ao colocá-las sobre um dos bolos como cobertura e resgate, junto com isso, a riqueza de poder construir significados a partir dos materiais não estruturados.

Durante as observações, as crianças ainda disseram que brinquedos *“são o que as pessoas usam para brincar”*, *“são coisas que a gente constrói”*, *“são coisas para não ficar entediado”* e que *“brinquedo serve para brincar, e aí tudo pode ser brinquedo”*. Neste sentido, a partir das falas das crianças, provooco algumas reflexões sobre quais brinquedos estamos oferecendo ou disponibilizando às crianças, uma vez que tudo pode ser brinquedo, conforme fala Noah (4 anos). Enquanto pais, mães, professores ou adultos dispostos a pensar sobre o brincar, estamos de fato, cultivando e nutrindo a imaginação das crianças??

Cabe salientar que dar voz e olhar com interesse, o que fazem as crianças em seus momentos de brincadeiras espontâneas, foi uma experiência incrível, que segue presente em minhas relações, e que não poderia deixar de compartilhar. Faço então o convite, para que o cultivo do brincar aconteça também a partir das crianças e que, para isso, a escuta e o olhar estejam sensíveis a elas.

As falas apresentadas são fontes de muita inspiração para pensar o brincar junto às crianças. Revelam, na prática, a sensibilidade e os conhecimentos, reforçando as teorias até aqui abordadas. Encantada com a beleza desse jardim que está florescendo, convido-os a fazermos uma breve pausa, para saborearmos, juntos, alguns bolos, viajarmos por terras desconhecidas e, por fim, repousarmos à sombra das árvores, a partir do relato da observação de algumas brincadeiras de crianças entre 4 e 6 anos.

3.1.1 E quando das sementes nascem bolos? A confeitaria

Nesta situação específica, estávamos todos no pátio, as crianças tinham à sua disposição, areia, água, sucatas, potes plásticos, bola e um universo de possibilidades. A proposta era brincar, tanto para eles, quanto para mim, contudo, meu objetivo também era poder sentir as brincadeiras, observar as interações e as criações, ouvir, refletir e repensar. Inicialmente, o grupo se dividiu, parte optou por jogar futebol, outros adentraram a casinha e, ali, deram início a uma brincadeira de mamãe, papai e filhos, que me parecia extremamente divertida. Entretanto, não por acaso, decidi me aproximar daqueles que se sentiram atraídos pela aventura de misturar areia e água.

Uma das crianças que ali estava, trasbordava animação cada vez que derramava o pote de água na terra, fez isso repetidas vezes e, ora ou outra, levantava o recipiente que continha água, para sentir respingar em si, ao bater na areia. Outra, usava uma embalagem de iogurte como pá, para cavar até sentir o cimento que havia embaixo. Uma terceira, por sua vez, enchia os potes com areia molhada e desenformava sobre um pedaço de madeira plano que havia próximo, imaginei que pudessem ser castelos, pois já havia visto essa brincadeira acontecer outras vezes.

Quando me aproximei, fui imediatamente questionada: “*Quer um bolo?*”, logo entendi do que se tratava e respondi positivamente, minha resposta veio acompanhada de outra pergunta: “*De quê?*”, com a intenção de entrar na brincadeira disse a ela que precisava saber quais eram as opções, vi, naquele momento, certo ar de surpresa e alegria se manifestar em seu rosto. Dentre as opções de bolo de cenoura, chocolate ou morango, resolvi optar pelo de chocolate, me parecia delicioso. A nossa interação provocou em outros amigos a vontade de participar também, não demorou muito para que a brincadeira se transformasse em uma grande confeitaria e, enquanto uma fazia os bolos, as outras decoravam e vendiam. Os lugares que cada uma ocupava foi decidido entre elas, com muita tranquilidade, e as três vivenciaram esse jogo simbólico com extrema harmonia.

Enquanto o bolo estava sendo feito, questões relacionadas à contagem e medidas estiveram presentes, logo um outro pote se transformou em xícara, e dali saíam a farinha e o açúcar. Em seguida, uma ensinava a outra como fazer “*Agora,*

coloca 2 xícaras de farinha, e, agora, tem que mexer bem”. Não demorou muito para que eu tivesse que pagar pelos bolos que queria comer, alguns colegas, que resolveram entrar na brincadeira, caçaram folhas pelo pátio, transformando-as em notas de dinheiro, revelando presentes não somente os aspectos relacionados ao raciocínio lógico-matemático, que talvez nem fosse abordado nessa faixa etária, mas muitas possibilidades de aprendizagem através da brincadeira. A referida confeitaria fez com que nosso tempo no pátio durasse muito mais do que o inicialmente programado, e provocou muitas reflexões, pude, não somente pensar, mas, também, ver materiais não estruturados se transformarem, a partir da criatividade das crianças, mas também, analisar a minha postura como adulta e reforçar a importância de estar presente com as crianças nestes momentos e, sobretudo, perceber a integração do grupo, e as decisões acontecerem, sem a necessidade da minha mediação.

Com relação à presença do adulto que se interessa pelo que uma ou mais crianças fazem, Altimir (2017) dizem tratar-se de uma mensagem, talvez a mais clara e fundamental para as crianças.

Uma mensagem implícita que passa pelo fato de que há um adulto que se interessa pelo que faz uma criança ou um grupo de crianças, e que faz o esforço de recolher os elementos, as informações necessárias para decifrar a complexidade do que vê. Por exemplo, uma criança que vê que há um adulto que toma nota do que ela diz, que fotografa o que ela faz, que pergunta “O que aconteceu com você?” Ou ainda “O que pensas disto?”. Esta é a primeira mensagem e, como dissemos anteriormente, a mais fundamental. Fundamental porque a própria imagem que as crianças constroem de si mesmas e da escola, deriva do olhar dos adultos que trabalham ali. (ALTIMIR, p.61 e 62 apud MELLO, BARBOSA, FARIA, 2017)

Neste sentido, cabe destacar que manifestar interesse pelo que dizem, fazem ou pensam as crianças não se refere somente a momentos de pesquisas, mas, também, às situações do cotidiano, seja das escolas ou da vida familiar. Regatando a importância de honrar as crianças a nossa volta, como nos provoca Raffi (2015), vendo-as como pessoas criativamente inteligentes que são, respeitando sua individualidade, reconhecendo-as como membros essenciais da comunidade e oferecendo a formação fundamental de que precisam para florescer

3.1.2 Sementes que decolam na imaginação

Este é um relato de uma experiência compartilhada com uma única criança, mas com um significado para lá de especial, pois foi nesta situação que comecei a pensar um pouco mais sobre as possibilidades de criação que os brinquedos de largo alcance podem oferecer.

Na manhã de um sábado qualquer, em meio a algumas caixas, pois estava em processo de mudança, eis que adentra à porta um pequeno brincante. Com a



casa quase vazia, pensava eu que aquele ser de pouca idade ficaria rapidamente incomodado pela suposta ausência de brinquedos e, então, convido-o para me ajudar a seguir colocando objetos dentro de uma caixa que havia no chão. Alcanço para ele algumas coisas e, em seguida, me distraio arrumando outras, eis que, para minha surpresa, descubro que a casa não

estava tão vazia quanto eu pensava.

Na época, Noah tinha 4 anos, morava em São Paulo e, seguidamente, viajava de avião para visitar alguns familiares que residiam no Rio Grande do Sul.³ Desde cedo, distinguia as companhias aéreas e apreciava observar os aviões nos aeroportos, já que tais situações faziam parte de seu contexto de vida.

Naquele sábado, que tinha tudo para ser um tanto tedioso, ele resolveu brincar, simbolizar a sua realidade. E o que chamou a minha atenção foram os recursos utilizados para tal feito, os prendedores de roupas foram transformados, ao mesmo tempo, em aviões e pistas de pouso e por ali a viagem aconteceu. Os destinos eram os mais variados, logo em seguida, um balde que estava próximo passou a ser a lua, mas como, segundo ele, *“os aviões não saem do planeta Terra”*, foi a vez de construir um foguete, fazer a contagem regressiva e vê-lo decolar. A viagem pelo Universo imaginativo foi incrível e novamente diversos aspectos puderam ser fonte de reflexão, evidenciando seu conhecimento, não só de mundo, mas também de um Sistema Solar inteiro onde novamente a criação esteve presente. Neste sentido, faço referência às ideias de Costa (2017) ao pensar o brincar lúdico:

³ Noah brincando com seus “aviões”.

O brincar lúdico estimula o pensamento criativo por meio do “faz de conta”, estimula o pensamento crítico por meio da articulação de opiniões diversas, e, quem sabe, estimule até mesmo o pensamento complexo por meio dos constantes ciclos de equilíbrios e acomodações na busca por resoluções de problemas que revelam a necessidade do cooperativismo e do consenso. No brincar, a criança sente a necessidade de explorar o ambiente, fazer descobertas, ser livre para criar e testar hipóteses, e, não precisam de brinquedos estruturados, pois a imaginação e a criatividade as movimentam. COSTA (2017, p.8)

3.1.3 Quando o solo é fértil, as sementes da imaginação germinam em qualquer lugar.

No que se refere aos espaços onde a brincadeira acontece, Clara diz “*Brinco em qualquer lugar*” e, de fato, essa fala se comprova através da observação, o brincar acontece em diferentes espaços, fechados ou abertos. Contudo, de acordo com os apontamentos até aqui feitos, podemos perceber que os espaços externos proporcionam às brincadeiras experiências únicas, especialmente quando em contato com a natureza, assim como nos relata Sofia (5 anos) “*Gosto de brincar no pátio, porque é aberto e bate um vento muito bom na gente*”, exemplificando uma das tantas interações que os recursos naturais nos proporcionam, estimulando a imaginação, como também podemos evidenciar com o relato de Diego (4 anos) “*Quando brincamos na casa de barro, as garrafas parecem botões, e os cipós, camas*”.

A “casa de barro”, que Diego se refere, é um espaço, não totalmente fechado, construído de pau a pique, e próximo a ele se encontra um emaranhado de cipós, uns mais altos e resistentes, que geralmente as crianças transformam em balanços ou “camas”, outros ainda em desenvolvimento e mais frágeis, mas todos bastante flexíveis, adaptando-se facilmente, não somente ao ambiente, mas, também, à imaginação das crianças. Este me parece ser o lugar preferido de um grupo de crianças, que se dirige até lá para realizar suas brincadeiras, em vários momentos do dia.

Com o olhar mais sensível ao brincar, atentei-me para a frequente presença das crianças neste ambiente e os enredos criados. Na maior parte das vezes, as brincadeiras de jogo simbólico, envolvendo histórias de famílias com pais, mães, filhos, tios, tias e primos se fizeram presentes. Em alguns momentos, pedaços de

tecidos compuseram essa cena, enriquecendo ainda mais o cenário, fazendo as vezes de coberta, telhado, ou o que mais a imaginação permitir.

As filhas normalmente fazem birra e desafiam bastante, as mães e pais saem para trabalhar, levam as crianças para a escola e, ao retornarem para casa, a jornada diária é repetida através da brincadeira, “*Já é hora do banho*” “*Agora nós vamos jantar*” e assim as histórias se desenrolam, cheias de sentidos e significados, transformando a realidade em brincadeira, interagindo em um espaço singular consigo, com os outros e com o meio, sentindo o corpo balançar sobre os cipós e o vento tocar o rosto, descobrindo na natureza suas potentes possibilidades.

Culminando o relato acima, Fortuna (2012) acredita que:

A experiência da brincadeira permite às crianças decidir sobre os papéis a serem representados, atribuir significados diferentes aos objetos, transformando-os em brinquedos, levantar hipóteses, resolver problemas, pensar, sentir sobre seu mundo e o mundo mais amplo ao qual não teriam acesso no seu cotidiano. FORTUNA (2012, p. 67-68)

3.1 PARA AS CRIANÇAS

Depois dos relatos a partir das falas, e também das experiências vividas nas brincadeiras pelas crianças, pudemos identificar algumas das concepções trazidas por elas acerca do brincar e ver, também, a potência criativa e imaginativa em cada uma delas. Contudo, ao ver que nosso jardim já está quase florescendo, e que as sementes já fixaram suas raízes, questiono-me sobre de que forma nós podemos contribuir para esse cultivo, quais estratégias, recurso, que nós podemos colocar em prática para seguir cultivando o brincar lúdico e inventivo?

Neste sentido, Almon (2009) nos sugerem dois importantes elementos para resgatar a presença de brincadeiras e “brinquedos” que instiguem a consciência criativa nas crianças, o primeiro evidencia o jogo simbólico e a produção de sentidos e significados que acontecem a partir dele:

Crianças pequenas têm um desejo profundo de interagir com os adultos à sua volta por meio da imitação. Quando cozinhamos e fazemos trabalhos que sejam compreensíveis e significativos para as crianças (o que não inclui sentar diante de um teclado e olhar para um rabisco numa tela), elas geralmente ficam pertinho da gente, querendo participar, pelo menos por um curto período, e então ficam inspiradas a brincar. Mesmo que não nos imitem diretamente, elas captam nosso estado de espírito e nossos gestos, e isso as inspira a brincar. Observar adultos envolvidos em trabalho físico com algum propósito é o primeiro mecanismo por meio do qual as crianças

aprendem sobre o mundo. Elas então se apropriam dessas lições por meio de brincadeiras, nas quais dão sentido a gestos, atitudes, sentimentos e ações que observaram em nós. (ALMON, p.96 apud CAVOUKIAN E OLFMAN, 2009)

O segundo corrobora com as ideias apresentadas até agora e reitera a importância de disponibilizarmos para as crianças recursos e materiais que instiguem o brincar criativo

O segundo elemento-chave para estimular as brincadeiras é proporcionar materiais simples, sem propósitos específicos, como gravetos, galhos, pedras, pedaços de tecidos, cordas e outros materiais básico para brincar. Dar às crianças brinquedos definidos restringe suas opções de diversão, ao passo que materiais sem fim específico lhes permitem experimentar em todos os aspectos da vida. Esses materiais também custam menos e duram anos. Com o passar dos anos, minha sala de aula se tornou mais simples, ao passo que as brincadeiras se tornaram mais robustas. (ALMON, p.96 apud CAVOUKIAN E OLFMAN, 2009)

É preciso oferecer às crianças condições e recursos para que façam brotar as sementes. Assim, cabe-nos proporcionar a elas regas diárias de escuta e sensibilidade; também temos que adubar o solo com criatividade, através da oferta de materiais potentes para o brincar imaginativo e, além de tudo, possibilitar que a luz do sol as aqueça, trazendo clareza para o fazer diário, iluminando os fundamentos que norteiam a nossa prática e as concepções que temos sobre a infância.

Cultivar esse jardim também é responsabilidade nossa, quer sejamos pais, mães, familiares ou educadores que, através do convívio diário com as crianças, também se mostram dispostos a olhar a infância e seu brincar com sensibilidade. Estreitar os laços das crianças com a natureza que as envolve e que, em alguns momentos, é ignorada, também é nosso compromisso. E com isso não se pretende desconsiderar as tecnologias, tão presentes na vida das crianças, mas resgatar o lúdico e a criatividade, instigando-os a sentir e construir significados através do brincar e do contato com a natureza.

5 CONCLUSÃO: QUANDO AS SEMENTES SE ESPALHAM AO VENTO.

Após as sementes brotarem, crescerem e se desenvolverem podemos contemplar a beleza de um jardim de ideias encantadoramente florido. Pensar o

brincar para e com a infância nos possibilita uma gama de reflexões acerca de aspectos históricos, sociais e culturais que nele estão envolvidos.

As concepções relacionadas ao brincar, assim como as que envolvem a infância são múltiplas e diversas. Contudo, pensar sobre o distanciamento entre as crianças e a natureza, assim como o resgate do brincar imaginativo, são questões emergentes em tempos tomados por aparatos tecnológicos, em que as trocas de olhares não se fazem mais presentes, e as experiências e experimentações se afastam cada vez mais do cotidiano das crianças.

Neste sentido, faz-se necessário estreitar laços entre o brincar, a natureza e a infância, a fim de que as crianças possam vivenciar, através das brincadeiras, situações que as provoquem a pensar, a criar e a imaginar, movimentando-para isso toda a sua corporeidade. Tal estreitamento também pode trazer a todos benefícios sociais e emocionais. Uma escola, um bairro, uma cidade, que respeita e efetiva o direito de brincar das crianças, será que não reside aí, uma esperança de melhores formas de convivência? Investir em ações que promovam o direito de brincar das crianças e abrir espaços de escuta, pode garantir um desenvolvimento mais saudável e uma vida familiar e escolar mais harmoniosa afetuosa.

Com a sustentação teórica apresentada até aqui, referenciada por autores e leis, que destacam a importância do brincar defendendo-o também como um direito das crianças, reflito sobre o nosso papel enquanto educadores, uma vez que temos grande responsabilidade na formação das crianças, que desde muito cedo passam a frequentar instituições de ensino. Neste sentido, garantir a elas um começo de vida saudável, estando em contato direto com a natureza, para que não somente respeitem, mas sejam parte dela, traz ainda mais sentido para o nosso fazer pedagógico. Sendo assim, possibilitar experiências, vivências e brincadeiras em meio a natureza, pode ser visto como uma oportunidade para integrar aspectos intrapessoais, interpessoais e planetários de forma única.

Deixemo-nos contagiar pela beleza deste jardim, sensibilizando nossas práticas, para que essas sementes sejam disseminadas de forma natural, uma vez que a dispersão das mesmas se tornam fundamental para o cultivo da espécie.

[...] as crianças são como sementes do futuro deste mundo. Ao cuidar bem delas, proporcionar-lhes uma educação sólida e transmitir-lhes valores positivos, estamos garantindo um futuro mais harmonioso, pacífico e produtivo para todos nós" (LAMA apud CAVOUKIAN, 2009).

THE CULTURE OF PLAYING: Sowing possibilities with and for children

Abstract: Been able to keep up with the birth of play in young scholar children is a privilege. This could be observed in two children groups, aged between 4 and 8 years old, of young children schools of Porto Alegre/RS. In addition, it was possible to realize the spontaneity and the creativity flourish in this children – been this the main factor for the elaboration of this writing. This Children Education Specialization Course conclusion work present reflections about places and resources, witch can be important to potentialise the plays. Approaching aspects related to the contact to natures and unstructured materials in a positive way for the development of skills related with the imagination, the creativity and also the production of cultures. In this sense, it was sought to rescue some conceptions of childhood, gathering fruits sown by authors, in attempt to further substantiate the ideas and, also, giving voice to small and big players. In order to keep, together, cultivating the play and, through it, sow possibilities with the children and for them.

Keywords: Play. Playfulness. Nature. Childhood. Toys.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI Nº 13257, DE 8 DE MARÇO DE 2016. **Marco legal da Primeira Infância.** Disponível em <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/03/marco-legal-da-primeira-inf%C3%A2ncia-texto-sancionado.pdf> Acesso em: Abril de 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. CNE/CEB. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília, 2009. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=3748-parecer-dcnei-nov-2009&category_slug=fevereiro-2010-pdf&Itemid=30192 Acesso em: Abril de 2018.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura.** São Paulo: Cortez, 1997. 110 p.

CARNEIRO, Silvia Lignon. **Escola amigos do verde:** resiliência, amorosidade e ciência para a sustentabilidade. Porto Alegre: Armazém Digital, 2011.

CAVOUKIAN, Raffi; OLFMAN, Sharna (Org.). **Honrar a criança:** como transformar esse mundo. São Paulo: Instituto Alana, 2009.

COSTA, Anissa da. **Educação transformadora por meio de práticas de auto(eco)conhecimento.** 2017. 45 p. Monografia (Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia-Educação Infantil e Anos Iniciais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2017.

FEDRIZZI, Beatriz. **Lá fora há muito o que aprender.** Pátio Educação Infantil, Porto Alegre: 2013. Nº 34

FORTUNA, Tânia Ramos. Cultura Lúdica e Comportamento Infantil na Era Digital.. **Revista Pátio da Educação Infantil**, jul./set. 2014.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017. 111 p.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2017. 235 p.

JERUSALINSKY, Julieta. **A criança em constituição na era das relações virtuais: parte 4**. Disponível em: <<http://emails.estadao.com.br/blogs/crianca-em-desenvolvimento/a-crianca-em-constituicao-na-era-das-relacoes-virtuais-parte-4/>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. Tradução de Alyne Azuma e Cláudia Belhassof. São Paulo: Aquariana, 2016.

MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmem Silveira; FARIA, Ana Lucia Goulart de (Org.). **Documentação pedagógica: teoria e prática**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

NARANJO, Javier. **Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças**. Rio de Janeiro: Foz, 2013.

ROMANINI, Rosane. **O lúdico nos espaços e tempos da infância**. Escola e cidades: articulações educadoras. 2006. 111 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2006. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/1885/O+ludico+no+s+espacos.pdf;jsessionid=D5A3DD78F7CCB01984CC295052837529?sequence=1>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SANTIN, Silvino. **Educação física: da opressão do rendimento à alegria do lúdico**. Porto Alegre: Edições EST/ESEF – UFRGS, 1994.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância na encruzilhada da 2ª modernidade**, 2003. Disponível em: <http://www.cedei.unir.br/submenu_arquivos/761_1.1_u1_as_culturas_na_infancia.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2018

VIGOTSKII, Lev Semenovich; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2017.

VILLELA, Ana Lucia. Prefácio. In: LOUV, Richard (Org.). **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.